

ELÍSIO ESTANQUE

**DILEMAS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE
- NOTAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA
NA LINHA DE MONTAGEM**

**Setembro de 1997
Oficina nº 95**

ELÍSIO ESTANQUE

**DILEMAS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE
- NOTAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA NA LINHA DE MONTAGEM**

**Setembro de 1997
Oficina n° 95**

OFICINA DO CES

Publicação seriada do

Centro de Estudos Sociais

Praça de D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:

Apartado 3087, 3000 Coimbra

ELÍSIO ESTANQUE

DILEMAS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE
-notas sobre uma experiência na linha de
montagem

nº 95
Setembro 1997

Oficina do CES
Centro de Estudos Sociais
Coimbra

Elísio Estanque
Centro de Estudos Sociais
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

DILEMAS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE
— *notas sobre uma experiência na linha de montagem* *

1. Nota introdutória

A metodologia, por mais sofisticada que seja, não pode ser tomada separadamente dos restantes procedimentos científicos e do processo global de construção da pesquisa (Schutz, 1970: 315; Bourdieu, 1973: 88). Por maioria de razão, não faz sentido pensar a observação participante a não ser na sua estreita conexão com as preocupações analíticas e os pressupostos teórico-epistemológicos inerentes à prática da investigação sociológica.

O trabalho de “observação participante” que efectuei recentemente (1996) numa fábrica de calçado é parte de uma pesquisa mais ampla sobre os processos de estruturação e fragmentação da classe operária na região de S. João da Madeira. Nesse sentido, as práticas sociais observadas no espaço produtivo são interpretadas, por um lado, à luz da sua vinculação às identidades comunitárias e, por outro, inseridas no quadro das transformações sociais e históricas que modelaram o processo de industrialização na

* Trabalho que teve lugar numa empresa de calçado situada numa das zonas industriais de S. João da Madeira e decorreu entre Fevereiro e finais de Abril de 1996.

região bem como o próprio operariado local, conferindo-lhe características específicas deste contexto. Não irei no entanto tratar aqui essa dimensão substantiva da análise¹.

A perspectiva adoptada procura seguir de perto o chamado *método de caso alargado* — desenvolvido por autores como M. Burawoy — em que se pretende ao mesmo tempo evitar o determinismo e o relativismo, estabelecendo uma causalidade múltipla e interactiva, isto é, olhando os fenómenos a partir de baixo mas tendo presentes as forças externas que os modelam. Não se trata de procurar os micro fundamentos da macro estrutura (Collins, 1981) nem o contrário (Alan Fine, 1991), mas de tomar ambas as dimensões como interactuantes, com vista a permitir que a experimentação no terreno possa obrigar à reformulação das teorias e hipóteses existentes acerca do contexto social mais amplo (Burawoy, 1991).

Mas o objectivo deste texto é bem mais modesto do que proceder a qualquer reflexão aprofundada em torno do método de observação participante e da sua crítica. Apenas me propus retratar alguns episódios, mais ou menos dispersos, relacionados com a minha própria experiência no terreno, em particular no que se refere aos dilemas, hesitações e perplexidades que este tipo de metodologia levanta, quer em termos gerais, quer muito concretamente no caso de um trabalho efectuado sob o ritmo da linha de montagem.

2. A abordagem e o padrão

Tratou-se de uma PME com cerca de 60 trabalhadores e a sua escolha ficou a dever-se, por um lado, ao reduzido número de alternativas e, por outro, à receptividade que obtive da parte do seu director. O número limitado de alternativas de que dispunha para poder escolher a fábrica mais adequada revela, desde logo, alguma coisa acerca do patronato do sector industrial do calçado nesta região. Não só a sua fraca sensibilidade

¹ A análise e principais conclusões dessa pesquisa integram a dissertação de doutoramento em preparação, *Classe e Comunidade em Mudança* (título provisório) a ser apresentada na Universidade de Coimbra.

para com as questões sociais mas igualmente a sua desconfiança para com a Universidade e a sociologia, em especial perante a situação “bizarra” de um académico se dispor a trabalhar como operário numa linha de montagem.

Em face das dificuldades, aderi sem hesitações à abertura e entusiasmo manifestados por este empresário desde o nosso primeiro contacto. Essa era uma condição decisiva para realizar um trabalho desta natureza dado que deixei de lado a hipótese (por ser inverosímil) de procurar “emprego” numa fábrica sujeitando-me às regras vigentes do mercado de trabalho. O interesse do patrão, o seu espírito jovem e o carácter informal da nossa relação fizeram até com que me tornasse um ouvinte privilegiado, a quem ele transmitia as suas dificuldades, problemas e “incompreensões” face ao seu esforço pessoal e dedicação à empresa. Como se compreende, adoptei inicialmente uma postura passiva e de ouvinte atento e interessado manifestando as minhas opiniões com a timidez e a contenção de quem se encontra numa posição de dependência. Contudo, à medida que me fui integrando junto dos trabalhadores e conhecendo por dentro alguns dos problemas laborais, comecei a contrariar por vezes as suas opiniões, o que me permitiu constatar a sua dificuldade em aceitar críticas. O contacto directo com o patrão foi de uma importância decisiva para o decurso da investigação, não só pela cordialidade da relação mas ainda porque isso me permitiu, numa fase posterior, levar a cabo diversas interpelações e conversas junto dos restantes sectores da empresa, em particular das chefias intermédias (que passarei a nomear por “encarregados” ou “chefes de secção”).

Pode dizer-se que a aceitação da minha estadia na empresa por parte do proprietário foi em parte um jogo e em parte uma negociação. Isto porque as vantagens mútuas e os objectivos estratégicos que cada um de nós procurava com este trabalho, apenas parcialmente estavam em sintonia. Da sua parte era clara a obsessão com *a imagem* da empresa e a expectativa de que com este trabalho o seu estatuto de industrial “inovador”

com “espírito empresarial” avançado pudessem sair reforçados. Da minha parte, pretendia pôr em prática uma perspectiva teórica dirigida fundamentalmente às práticas de classe, aos mecanismos de poder e à natureza ambígua dos comportamentos de resistência e aceitação por parte do operariado. Tal orientação não poderia de modo algum ser explicitada nesses termos porque tal iria, com toda a probabilidade, pôr em causa a realização da pesquisa, sobretudo tendo em conta as conotações político-ideológicas a que este tipo de linguagem daria lugar. A “negociação” traduziu-se assim na disponibilidade do investigador para realizar, paralelamente, um trabalho de recolha e de “diagnóstico” destinado à empresa e orientado para a melhoria das suas performances produtivas. Esta cedência calculada era uma forma de, por um lado, pôr à prova as possibilidades de uma “intervenção” que pudesse ter algum alcance prático e, por outro lado, conquistar margem de manobra para os meus movimentos e contactos dentro da empresa. Como é evidente, este aspecto constituiu um novo elemento que teria de ser igualmente introduzido na análise.

Neste capítulo tudo correu conforme o previsto e no final facultei ao proprietário o prometido “diagnóstico” assinalando diversos pontos críticos e apontando um conjunto de sugestões destinadas a flexibilizar a estrutura organizacional e os canais de comunicação da empresa. Não deixa, contudo, de ser significativa a reacção violenta do patrão quando soube, semanas depois da conclusão do meu trabalho, que tinha participado num debate promovido pelo sindicato onde foram referidos (e depois divulgados na imprensa) alguns dos constrangimentos e práticas autoritárias de que os trabalhadores do calçado são vítimas nas empresas. Apesar de se tratar de uma abordagem genérica sobre o sector e o nome da empresa nunca ter sido divulgado, isso não me impediu de ser acusado de estar a “fazer o jogo do sindicato”, de prejudicar a imagem dos empresários e mesmo de “traição”. Em parte, a sua irritação ficou a dever-se aos comentários de outros empresários locais a quem ele próprio teria divulgado a minha presença na empresa,

muito provavelmente como forma de reforçar a referida auto-imagem de empresário inovador.

3. Entrar no ritmo

Antes das 8h da manhã de uma segunda-feira de Fevereiro de 1996 atravessei a Zona Industrial localizada junto à entrada sul de S. João da Madeira e dirigi-me à empresa no meu primeiro dia de trabalho. Num dia chuvoso e ainda de noite, parei por momentos numa fila de carros a olhar as correrias dos trabalhadores que cruzavam a rua em direcção aos portões das fábricas. A minha ansiedade aumentava com a expectativa de enfrentar pela primeira vez aquela experiência desconhecida. O “choque” inicial dos primeiros dias foi particularmente marcante e ilustra um pouco daquilo que são as dificuldades desta metodologia. A entrada na fábrica faz-se pelas traseiras das instalações. Numa rápida passagem pelos balneários — localizados na mesma divisão da casa de banho —, guarda-se o casaco e o saco com o almoço num armário onde estão também a toalha, o sabonete, papel higiénico, etc., veste-se a bata de trabalho e dirigimo-nos rapidamente para o relógio de ponto, aguardando depois o toque da sirene para iniciar o dia de trabalho. Como era o meu primeiro dia e desconhecia ainda tudo isto, só no intervalo da manhã (10 h) tomei contacto com este local e a primeira impressão que me ficou foi de desagrado pelo mau cheiro. Nesse dia entrei pela porta da frente e dirigi-me ao encarregado geral, que me aguardava. Trocámos breves impressões mas não adiantei muito sobre o conteúdo do meu trabalho, do qual já estava, aliás, minimamente ao corrente. Limitei-me a adiantar que me interessava sobretudo trabalhar junto dos operários a fim de sentir as dificuldades e exigências da produção na linha de montagem e aceitei de imediato a sugestão que se fizesse uma ficha com o meu nome, destinada ao registo diário das entradas e saídas no relógio de ponto, como acontece com todos os outros. Nesta altura estava preocupado acima de tudo em ter uma actuação discreta e

cuidadosa, não divulgando detalhadamente e muito menos logo no início todos os aspectos da observação que pretendia realizar.

Lembro-me dos sentimentos contraditórios que me assaltaram ao mergulhar no ambiente mecanizado e ruidoso das instalações fabris: a agitação e azáfama do pessoal, o barulho das máquinas e descargas de pressão das caixas de aquecimento e refrigeração, os sons dos martelos, o cheiro a óleos e a produtos químicos. Ao mesmo tempo uma sensação de angústia e curiosidade, de apreensão e expectativa: “Isto é mesmo a sério”, pensei. Mas a preocupação em começar não me deixou tempo para reflexões. Após uma rápida explicação do chefe da linha de montagem ocupei o meu posto de trabalho ao lado do *tio* António, o meu primeiro companheiro, grande conversador e brincalhão apesar dos seus 62 anos de idade.

A secção de montagem, onde trabalhei até ao fim é a que ocupa maior número de trabalhadores e a mais importante no processo de fabrico. A ela está ligada também a chamada secção de acabamentos envolvendo ambas cerca de trinta operários, mulheres e homens, predominantemente jovens. Ao longo da pesquisa realizei diversas tarefas produtivas entre as quais arrancar pregos, riscar as palmilhas, desenformar, dar cola e facear (operações manuais), cardar e prensar os tacões (operações mecânicas). Principalmente na fase inicial o ritmo de trabalho foi extremamente violento em especial se atendermos a que se trabalha (cerca de 9 h por dia) em pé, sob a cadência da linha de montagem semi-automática, cujo andamento varia em função das exigências produtivas e consoante os compromissos quanto ao número de pares a entregar em cada semana. Na semana em que iniciei o meu trabalho vivi momentos de grande ansiedade, nomeadamente quando estive a desenformar sandálias manualmente. Desapertar os atacadores com os dedos da mão, segurar contra o peito e pressionar para dar a folga suficiente, puxar a forma de dentro da sandália e voltar a colocá-la no mesmo tabuleiro,

arrumar, contar e registar o número de pares que iam saindo segundo as cores e os modelos. Tudo isto a uma velocidade insustentável perante a minha inexperiência e a sensibilidade das minhas mãos. Como estava ansioso com a necessidade de mostrar as minhas qualidades e predisposto a não “dar parte de fraco” perante os colegas, uma vez que pretendia ser, ou pelo menos parecer, um entre eles e o mais possível igual a eles, fiz todo o esforço por aguentar firme entre o suor e o desespero quando, por vezes, me atrasava e o *tio* António me gritava do outro lado dos tabuleiros “agora é você que manda na linha...”. Cheguei a acordar de noite com dores nos dedos e, ao fim de dois dias tive mesmo de ceder. Dei conta da situação ao encarregado e voltei ao posto anterior.

Durante os escassos 10 minutos dos intervalos da manhã e da tarde o cronómetro continua a marcar os movimentos dos trabalhadores. Apressadamente dirigimo-nos ao WC para lavar as mãos, de seguida caminha-se em passada larga para o bar/ refeitório onde, depois de se entrar na rotina e de conquistar a simpatia da D. Amélia (responsável por esse serviço), já temos o café ou a sandes preparada no local habitual do balcão; os restantes 3 ou 4 minutos é o tempo de descomprimir um pouco, caminhar mais lentamente até ao portão, fumar meio cigarro ou trocar duas palavras com o companheiro e regressar ao posto ao toque da campainha. Largar e pegar são gestos completamente automatizados e imediatos. Não há tempo para acabar a tarefa que se tenha em mãos. Ninguém o faz.

Para além do posto de trabalho e da correria dos intervalos, as possibilidades de contacto com os trabalhadores ficam reduzidas à hora do almoço (1 hora apenas) e ao período após a saída onde a pressa continua a ser marcante. Por motivos óbvios, almoçava regularmente no refeitório a fim de timidamente me começar a familiarizar com o maior número possível de colegas. Nos primeiros dias recordo-me de ter ocupado uma das mesas mais vazias e estar sentado num dos bancos corridos em frente a uma operária

que comia isolada e silenciosa a sua sopa de dentro da marmitta. Enquanto olhava para o rosto fechado da minha companheira de ocasião e para os grupos das mesas vizinhas partilhava aqueles saborosos momentos de descompressão e sentia um enorme desejo de sossego e alívio por estar momentaneamente fora do torpor dos equipamentos fabris e da azáfama produtiva. Além do silêncio geral, talvez agravado pela presença de um estranho que gerava alguma desconfiança (como se provou depois), notei ainda que a maioria almoça em menos de um quarto de hora. Quando eu ainda me preparava para começar já algumas das jovens se aprontavam para arrumar as coisas e limpar a mesa.

4. Angústias e dilemas

Ao relatar alguns destes momentos das minhas vivências na fábrica, que correspondem a pequenos fragmentos do meu diário de campo, pretendo dar a conhecer situações comuns mas que mostram como aquilo que se observa é inseparável daquilo que se sente e neste caso concreto ilustram a importância do desgaste físico e seus efeitos psíquicos na construção das rotinas e das atitudes perante o trabalho. Por isso a vivência da experimentação é tão importante para observar e compreender. Trata-se de perscrutar o caminho das experiências alheias através da experiência própria. Experiência prática que ao mesmo tempo pode ser considerada, na linha de Bourdieu, como “uma espécie de exercício espiritual que nos permite alcançar, através do esquecimento do *self* uma verdadeira transformação do olhar que lançamos sobre os outros” (Bourdieu, 1996: 24)

No que se refere à relação com os trabalhadores, pude efectivamente comprovar, em especial na primeira fase, como os papéis de “observador” e de “observado” se misturam, se apresentam por vezes invertidos e permanecem em permanente conflito. O impacto da minha chegada à fábrica implicou que me tornasse o principal objecto de atenção, de observação e até de “estudo”. São estas situações que nos devem levar a pôr em causa a tradicional divisão que tende a tomar os membros da comunidade em estudo como meras

instâncias vulneráveis, ingênuas e passivas. Ao penetrarmos no seu universo somos levados a orientar o exercício da pesquisa para a partilha do mundo comum com aqueles que afinal são nossos parceiros momentâneos e a aceitar que também eles possuem teorias acerca dos outros e de si próprios. Neste sentido, é inevitável e até desejável relativizar a autoridade da ciência para entrar em diálogo com as formas de conhecimento prático que emanam da experiência empírica da própria colectividade (Burawoy, 1991: 293).

No início estava preocupado, antes de mais, em ser capaz de dar resposta às exigências produtivas porque tinha consciência que tudo o resto passaria por aí. Assim, quer a inexperiência técnica quer a ansiedade gerada pelo querer aprender e querer “estar à altura” para melhor poder integrar-me, obrigavam a que a minha atenção se concentrasse quase em exclusivo nas tarefas da produção. Parecia-me impossível conciliar a concentração no trabalho com a observação dos comportamentos dos meus colegas e do funcionamento geral da fábrica. Por um lado, porque demorou algum tempo até que a destreza na realização das operações me permitisse ao mesmo tempo dar atenção ao que se ia passando à minha volta sem que isso perturbasse o meu trabalho, por outro lado porque, conforme me fui apercebendo com o correr do tempo, os trabalhadores desenvolveram os seus mecanismos perceptivos até níveis particularmente sensíveis, conseguindo captar com facilidade tudo aquilo que sai fora das suas tarefas e rotinas normais. Ao contrário do que se passava comigo, que nos primeiros tempos não conseguia conversar nem entender os meus colegas no meio de todo aquele ruído, o meu colega de posto, por exemplo, conversava com as operárias dos acabamentos através da linha de montagem e entendia tudo o que elas diziam olhando para os movimentos dos lábios. Qualquer movimento menos usual é em geral detectado à distância mesmo quando, para meu espanto, todos pareciam estar completamente absorvidos na tarefa que tinham em mãos. Quando aparece uma visita na fábrica, quando surge uma discussão,

quando alguém entra ou sai do portão a horas fora dos horários normais, quando alguém se desloca, por qualquer motivo, a outra secção ou esteve à conversa com o patrão ou com o encarregado, logo um vasto conjunto de olhares discretos e silenciosos trata de registar pormenorizadamente o referido “acontecimento”. Assim, o tratamento dos encarregados, o cumprimento do patrão quando passava na linha de montagem e a facilidade com que se detinha a trocar impressões comigo, foram os primeiros sinais a levantar dúvidas e cautelas. Sinais esses que vêm juntar-se à falta de umas mãos robustas e calejadas, à gestualidade corporal denunciadora do estatuto social e principalmente à “maneira de conversar”, conforme mais tarde me confirmaram alguns daqueles que de certo modo se vieram a tornar os meus amigos dentro da empresa.

As especulações em meu redor ao longo da primeira semana de trabalho foram diversas: desde ser um engenheiro que estava a aprender as diferentes tarefas para depois assumir uma posição de encarregado, até ser um psicólogo contratado pelo patrão para tentar estudar o pessoal a fim de melhorar a produção, passando por ser um amigo do patrão que vinha para ali aprender com vista a mais tarde abrir uma fábrica e, finalmente, surgiu até o boato de se tratar de um agente da PJ que se queria infiltrar na indústria do calçado para detectar negócios de droga. Este é o momento em que aquilo que os “observados” vêem é mais significativo do que o olhar do “observador”. Mas este tipo de respostas revela ao mesmo tempo o muro de obstáculos que de imediato começou a erguer-se entre o investigador e o colectivo dos trabalhadores. O panorama era, pois, de desconfiança e retraimento, pelo menos inicialmente.

Rapidamente me apercebi que esta situação se apoiava em boa parte na relação privilegiada que o patrão e os encarregados mantinham comigo. Embora estivesse a cumprir todas as exigências produtivas e disciplinares com o maior rigor, o modo como os responsáveis se dirigiam a mim, a atenção que me dedicavam e certamente também a

forma como eu falava com eles indiciavam que era alguém que estava “do lado deles”, isto é, do lado do patrão. Como também não foi difícil perceber, nesta fábrica, apesar da fraca ou nula actividade sindical, a clivagem classista era óbvia mesmo no campo das representações e atitudes, ou seja, os trabalhadores funcionavam na base do habitual esquema dicotómico — o “eles” e o “nós” — e deste modo, no jogo diário das interacções esse critério selectivo exigia opções claras.

Pensei então em esclarecer os meus objectivos de pesquisa e mostrar-lhes que o estatuto “especial” que ocupava na fábrica poderia constituir um instrumento capaz de lhes proporcionar algumas vantagens. A ideia de esperar pacientemente que as coisas evoluíssem no bom sentido foi então posta em causa. Era urgente assumir o meu distanciamento perante a direcção da empresa e mostrar solidariedade para com as queixas dos trabalhadores. Conversei com a única operária conotada como sindicalista mas, como percebi a sua fraca popularidade, optei por diversificar os contactos, procurando abrir portas sem fechar nenhuma e evitando privilegiar os elementos claramente conotados, fosse como “sindicalista”, fosse como “mau profissional” ou como “graxista”, por exemplo. A revelação do meu estatuto de investigador era incontornável, quer por razões éticas, quer porque a conquista da confiança exige que se exponham alguns elementos da identidade pessoal, como em qualquer processo de interconhecimento. Comecei, então, a pouco e pouco a emitir opiniões e a fazer perguntas sobre alguns assuntos que surgiam entre os grupos de trabalhadores, desde o desporto aos temas do dia-a-dia de trabalho. Passaram-se momentos de desânimo e só lentamente as oportunidades começaram a surgir. Comecei a integrar os pequenos diálogos e conversas informais que surgiam durante as pausas mas, como grande parte dessa actividade discursiva tinha uma forte componente lúdica, de brincadeira e de subentendidos, à mistura com jogos de sedução e piadas sexistas entre homens e mulheres, era uma tarefa difícil para alguém pouco familiarizado com o meio.

Foi para mim uma aprendizagem importante e ela só aconteceu à custa de questionar alguns dos meus próprios pressupostos. Por exemplo, a tendência para procurar estabelecer conversas “sérias” que fossem claramente orientadas para os objectivos da pesquisa — os conflitos com as chefias, as relações com o sindicato, as opiniões sobre a empresa, etc. — levava sistematicamente ao silêncio ou a respostas evasivas. Ao fim de algum tempo fui obrigado a constatar que, no fundo, estava a querer ver aquilo que não existia e, sem me aperceber disso, a avaliar aquele operariado segundo os velhos parâmetros de militância e os estereótipos tradicionalmente atribuídos à classe operária.

À medida que se sucediam os dias e as pequenas ocorrências, ia explicando a alguns os meus objectivos — sublinhando que todas as minhas fontes seriam anónimas — e, a pouco e pouco, comecei a assistir a pequenos desabafos e gestos de revolta que eram abertamente exibidos junto a mim, perante as mais diversas situações laborais e os comportamentos despóticos de alguns encarregados, sinais estes que comprovavam finalmente a minha aceitação no seio do grupo.

Alguns sectores da força de trabalho passaram a procurar-me espontaneamente e a pedirem a minha opinião sobre diversos assuntos, mas isso só aconteceu quando se tornou clara a minha postura crítica perante as hierarquias e, conseqüentemente, o meu alinhamento cúmplice com as atitudes de descontentamento que se repetiam diariamente. Apesar disso, persistiu sempre algum embaraço e retraimento, aspectos que, por um lado, exprimem a distância cultural que nos separava e, por outro, são um sintoma da condição de subordinação. Não apenas a subordinação de classe ou a dupla subordinação no caso das operárias — a de classe e a de género — mas também a atitude de dependência cultural de quem, perante um “académico”, se sentia mais inclinado a ouvir do que a falar.

5. O investigador e o jogo do poder

A necessidade de dar atenção aos efeitos perturbadores da minha presença na fábrica deve-se não só ao desejo de controlar a sua interferência nas observações diárias mas também ao seu significado em termos da análise substantiva. Obviamente que me refiro, não a perturbações de ordem funcional mas, apenas, ao impacto simbólico e sociológico introduzido por um elemento estranho e com um estatuto próprio. A forma como procurei compatibilizar o apoio institucional das hierarquias com a aceitação e colaboração dos trabalhadores, além das inúmeras dificuldades que levantou, deu lugar a um processo dinâmico e contraditório que pode ser interpretado à luz da estruturação das relações de poder no interior da fábrica.

Desde a desconfiança inicial agravada pela atenção que me dedicavam os chefes de sector e o próprio patrão até à fase final em que foi visível a utilização estratégica que alguns trabalhadores faziam da relação privilegiada que mantinham comigo, passando pelo relacionamento com os encarregados, não é difícil identificar situações que comprovam a forma como o investigador personifica um papel activo na configuração dos jogos e lutas internas, favorecendo em certos casos a sua momentânea transfiguração.

As relações com os encarregados, por exemplo, podem servir para ilustrar esse jogo. Desde logo no que respeita à divulgação dos objectivos da pesquisa tinha sido prevista a necessidade de *jogar na ambiguidade*, isto é, divulgar o suficiente para clarificar a situação mas sem entrar em detalhes excessivos, potencialmente comprometedores. Apesar de no global ter conseguido uma colaboração aberta da parte dos encarregados, no início notei o cuidado com que observavam a minha conduta junto dos operários. No caso particular do chefe da secção onde eu próprio trabalhei, a nossa relação, embora sempre colaborante, pautou-se por alguma instabilidade e evoluiu ao longo do tempo entre atitudes de curiosidade e aproximação onde cheguei a detectar sinais de reverência,

momentos pontualmente reveladores de hostilidade e, noutras alturas, expressões de insegurança e desconforto perante o meu crescente à-vontade com os trabalhadores.

Em particular ao longo das últimas três semanas, em que procedi à aplicação de um pequeno inquérito aos trabalhadores — preenchido nos intervalos ou levado para casa e trazido no dia seguinte e onde, entre outras questões, se faziam perguntas sobre a empresa e as relações com as chefias —, terá ficado clara junto dos encarregados a ideia de que na posse daquele tipo de informações a sua posição perante mim estava de algum modo mais vulnerável. Foi também nas últimas semanas que, seguindo a solicitação inicial do proprietário, realizei algumas reuniões com os chefes de secção a fim de retirar daí elementos para a elaboração do relatório de “diagnóstico” que me foi solicitado. Nessas reuniões discutiram-se alguns conceitos de teoria das organizações e da liderança (por mim introduzidos) e debateram-se problemas gerais da empresa (insatisfação do pessoal, relações com o patrão, etc.). É claro que, ao pôr em prática estas iniciativas e sabendo-se que tinha para isso o apoio do proprietário, os encarregados foram percebendo que eles próprios estavam a ser objecto de particular atenção. Se, por um lado, isso reforçou de certo modo a sua vulnerabilidade face à posição particular e “privilegiada” em que me encontrava, por outro lado, à medida que o mesmo foi sendo percebido pelos operários, começou a desenvolver-se no seu seio um crescendo de à-vontade onde por vezes transparecia uma ironia latente e um gozo subliminar perante o embaraço de alguns dos encarregados, em particular o do sector da montagem, visível, por exemplo, nas relações que mantinha comigo no posto de trabalho e até na alteração subtil ao seu comportamento, mais comedido e cauteloso, face aos seus subordinados. Para dar um exemplo concreto, na fase final, como o meu trabalho me permitia circular junto das operárias dos acabamentos (pois estava a dar cola nos palmilhados ao longo da linha de montagem), era visível a procura de que comecei a ser alvo por parte delas, para conversarem comigo. Além de já me conhecerem melhor sabiam que podiam fazê-lo sem

serem chamadas à atenção, ao contrário do que acontecia quando falavam umas com as outras. Assim, podiam aproveitar para descomprimir face ao *stress* do ritmo produtivo e ao mesmo tempo era uma forma de afirmação e de pequena vingança dissimulada perante o seu mais directo opressor. Por vezes diziam-me: “quando você for embora isto vai acabar...”.

4. Conclusão

Todos estes aspectos foram diariamente registados no diário de campo, o que significou um acréscimo de pelo menos mais 3 horas de trabalho. Escrever o diário todos os dias é fundamental. Apesar do risco de excesso de informação, com o qual me debato agora, este trabalho favorece o envolvimento total no contexto e nele se exprimem as permanentes tensões a que o investigador está sujeito. Evidentemente que, longe de ser um puro reflexo do que aconteceu, a escrita é uma tradução e uma interpretação mais do que uma transcrição e por isso compatibilizar a “fidelidade” com a “legibilidade” (Bourdieu, 1996) ou a riqueza sociológica da informação com a noção do limite que garante o anonimato dos informantes e a não violação de certos aspectos da sua vida pessoal levanta problemas por vezes dolorosos e difíceis de ultrapassar, quer à luz dos princípios éticos quer das exigências científicas.

Referências bibliográficas

- Alan Fine, G. (1991) “On the Macrofoundations of Microsociology”, *The Sociological Quarterly*, Vol. 32, nº 2.
- Bourdieu Pierre (1973) *Le Métier de sociologue*, Paris, Mouton.
- Bourdieu Pierre (1996) “Understanding”, *Theory, Culture and Society*, vol. 13, nº 2.
- Bourdieu Pierre e Wacquant, Loïc (1992) *An Invitation to Reflexive Sociology*, Chicago, University of Chicago Press.
- Burawoy, Michael (1991), *Ethnography Unbounded — power and resistance in the modern metropolis*, Berkeley, U. of California Press.

Collins, Randall (1981) “On the Microfoundations of Macrosociology”, *American Journal of Sociology*, nº 86.

Schutz, Alfred (1970) *On Phenomenology and Social Relations*, Chicago, The University of Chicago Press.